



# Fazenda Santa Mônica

## Nesta fazenda morreu o Duque de Caxias

**L**ocalizada na Província do Rio de Janeiro, nas proximidades de Vassouras, a Fazenda Santa Mônica serviu de retiro para Caxias, logo após o falecimento de sua querida esposa, Duquesa Anna Luiza, tendo passado ali os últimos dias de sua vida.

Como parte das comemorações do bicentenário de nascimento do Duque de Caxias, realizou-se, no dia 13 de agosto de 2003, a cerimônia cívico-militar naquela localidade, onde faleceu, no dia 7 de maio de 1880, o insigne Chefe Militar.

A solenidade teve início às 10h da manhã. A própria natureza prestava sua homenagem ao Patrono do Exército, brindando-nos com um belíssimo céu azul, temperatura amena e suave brisa, trazendo à memória o tempo vivido pelo emérito estadista e herói militar que tanto fez pela nossa Pátria. A cerimônia, com numerosa assistência, foi presidida pelo General-de-Exército Manoel Valdevez Castro,

Comandante Militar do Leste, e contou com a presença do Doutor Luiz Antônio da Costa Carvalho Corrêa da Silva, Prefeito de Valença, além dos oficiais generais em serviço na guarnição do Rio de Janeiro. O canto do Hino Nacional avivou o sentimento de brasilidade e de amor à Pátria, característica da personalidade do invicto Duque de Caxias. As palavras do General Jonas de Moraes Correia Neto, ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e historiador, levaram a assistência a uma reflexão profunda, a partir das narrativas do período em que Caxias permaneceu em Santa Mônica até o fim dos seus dias, rememorando toda a sua existência, naquele cenário tranquilo e sereno onde aguardou o momento da sua partida.

A cerimônia prosseguiu com toda a reverência que impunha a nobreza do evento, com entrega de diplomas aos que participaram das atividades comemorativas do bicentenário, com o hino a Caxias e

com a inauguração de placa alusiva à data. A seguir, reproduzimos o discurso proferido pelo General Jonas:

“Eis- nos em Santa Mônica! Recanto venerável ... Só de pensar me comovo... Só de olhar e de sentir, nós nos emocionamos. Quando se estreitam os laços espirituais que nos envolvem, fortes e expressivos, neste instante de contrição e, entretanto, de contagiosa alegria. Um privilégio, realmente, é poder admirar:

- este límpido céu, pálido infinito que nos recobre;
- este sol fulgurante, que chega ao mundo para inspirar e testemunhar todas as coisas e para iluminar pessoas predestinadas;
- os matos envolventes, carregados de árvores centenárias, de galharias coloridas, de frutos suculentos;
- esses morros imutáveis, imponentes, balizando pontos e distâncias, marcando horizontes;
- o passaredo gorjeante, que anima as cercanias;
- as estradas e as sendas rústicas, para as idas e vindas, para as labutas e os passeios;
- aquele caudaloso rio – o Paraíba – passando lá embaixo, participe permanente da nossa História, a deslizar suas águas, alheio ao correr do tempo e às belezas e riquezas que atravessa;
- este solo benfazejo e fértil – para nós, solo sagrado;
- e a mansão solarenga da Santa Mônica, tão típica e acolhedora, com sua varandinha clara, refres-

cante; com os salões espaçosos, sugerindo encontros e palestras, música e bailes, com os quartos modestos, sombrios; e com janelas de madeira e de guilhotina se abrindo para a vastidão de fora, para satisfazer à avidez de ar puro e de visão encantadora.

Pois foi aqui, neste casarão rural, nesta terra de luz, cercado pela natureza exuberante, que o Duque



General Jonas de Moraes Correia Neto  
proferindo o seu discurso



O comandante do CML, General Manoel Valdevez Castro, entrega o diploma ao General Jonas, pela sua participação

de Caxias viveu a última fase de sua vida exemplar; vida não muito longa (nem chegou aos 77 anos), porém pujante, plena de bela atitude e notáveis feitos.

Recolhera-se ele a este rincão fluminense por insistência familiar, para recuperar as forças físicas, que lhe fugiram em acelerado, e para curtir, solitário e conformado, algumas desilusões mais recentes (curiosamente, esta região se chamava Desengano...).

O grande Luiz ficava apreciando a paisagem campestre, a qual, quem sabe, fazia-lhe rever-se nos campos de tantos combates, empunhando com garbo e garra sua espada invicta que foi “um sol sem ocaso”. Do seu aposento de canto, havia de espiar enternecido os matos ciliares e os reflexos prateados

do “rio serpente”. Assim, revigorando por dentro, parecia-lhe estar melhorando.

Eram agradáveis e reconfortantes os giros que dava. Ora caminhando, absorto em lembranças mas admirando as lindezas locais que o envolviam, quase o afagando. Ora a cavalo; e então, as veredas e as clareiras, os relevados e os capões, as aves saltitantes e parladoras, tudo se apresentava, com gentileza e orgulho, em festa para o desfile discreto do maior General do Brasil!

Certa vez, trilhando os dormentes do ramal ferroviário, sua montaria se assustou e arrancou com violência, somente contida mais adiante. O susto e o esforço aconselharam restrições às cavalgadas. Até que, numa manhã tristonha, tiveram de ser suspensas definitivamente, quando o Duque tentou alçar-se no estribo e não mais conseguiu montar. Foi um golpe rude no velho cavaleiro com longa prática, em condições várias vezes cruciais.

Privado das aprazíveis andanças, limitado às redondezas das casas e galpões, Caxias ainda mais se quedava quieto com seus muitos cismares. Uma premonição, talvez, da proximidade do desenlace, haveria de tê-lo levado a devanear. Vivera intensamente a vida e, ao perceber que ela se estava apagando, queria perpassá-la em sua mente ainda bastante lúcida. Os quadros superpunham-se de forma desordenada; alguns bem nítidos, detalhados, desenvolvidos na visualização saborosa; outros imprecisos, esmaecidos, restritos, como se, a estes fosse preferível deixar de lado. Foi assim, nesses enlevos diuturnos, que Caxias pôde ir rememorando, numa revista íntima, sua exis-

tência inteira. E se reencontrava consigo mesmo, naquele filme repetitivo – biográfico e documentário –, cheio de tintas e de sombras e de sonoridades fantásticas, filme onde ele era o astro maior, em cenário de tamanha significação e grandiosidade, compondo e projetando sua história. Assim é que era:



O Prefeito de Valença, Dr. Luiz Antônio, o Comandante do CML, Gen Castro, o Chefe do DEP, Gen Conforto, e demais autoridades civis e militares presentes na cerimônia

- o Tenente, Porta-Bandeira do Batalhão do Imperador (1822);
- o combatente, nas lutas pela Independência, na Bahia (1823), recebendo seu batismo de fogo;
- o Capitão, praticando ações audazes, na campanha da Província Cisplatina (1825-28);
- o Major, Comandante do Corpo de Guardas Municipais Permanentes da Corte, combatendo a Abrilada, no Rio (1832);
- o Coronel, Presidente do Maranhão e Comandante das Armas (1840), dominando a Balaiada e se afirmando como vencedor e pacificador;
- o novo Brigadeiro do Exército e Barão de Caxias, ostentando o título pelo qual iria ser identificado e celebrado;
- o comandante legalista, na Revolução Liberal de 1842, triunfando sobre os sediciosos de São Paulo e Minas Gerais; de novo, o pacificador;

- o Presidente e Comandante das Armas do Rio Grande do Sul (1842-45), pondo honroso final à Revolução Farroupilha e ganhando o reconhecimento da Nação: elevado a Conde e escolhido Senador pela província gaúcha. Outra vez, era o vencedor e pacificador;

- agora, no exterior, Comandante das nossas forças contra o ditador Oribe, do Uruguai (1851), e, logo, contra o caudilho Rosas, da Argentina, onde foi fundamental a participação brasileira (Caseros, 1852); e os galardões: Tenente-General e Marquês;

- transcorridos 15 anos de relativa calma, passados na alta política e na alta administração militar do país, Senador, Ministro da Guerra, Presidente do Conselho de Ministros (nesta etapa, por duas vezes);

- o Marechal pronto para servir à Pátria, convocado para ser o Comandante-em-Chefe na Guerra da Tríplice Aliança (1867-68), que iria conduzir, com eficiência e sucesso, as operações de maior vulto e relevância, no resistente Paraguai, levando os aliados a decisivos êxitos, tais e tantos, que lhe permitiram considerar que deixara preparada a liquidação de guerra contra o déspota López, enquanto, por razão de saúde, tinha de se retirar do Paraguai; e, em consideração ao seu contínuo e superior desempenho, era alçado a DUQUE DE CAXIAS, o único Duque da nobiliarquia brasileira!

- depois, como Senador e atuando no Supremo Tribunal Militar, fatigado e adoentado, após tantas batalhas, privações e sofrimentos;

- ainda buscado, num apelo do monarca ao súdito fiel e capaz, para organizar e presidir o Conselho de Ministros (o Gabinete São João, de junho de 1875), encargo de confiança máxima, no qual se escoraria a regência da Princesa Isabel; nesse canto de cisne na vida pública, seriam dois anos e meio de política, coordenação e direção dos negócios nacionais, sobrelevando a solução conciliadora da explosiva Questão Religiosa; sempre O Pacificador!

- em janeiro de 1878, que entregara a Chefia do Ministério ao partido Liberal e se afastara completamente, levando mais um espinho a lhe doer demais.

Tivera Caxias, lado a lado, contentamentos e tristezas, prêmios e injustiças, compensações e desenganos. Agora, estava aqui na fazenda, em cadeira de rodas, ancião alquebrado, viúvo inconsolável. Não dispunha mais de comando, nem de tribuna, nem de seguidores para empolgar e guiar, nem de batalhas, nem de vitórias...

– Clarim: toque de Vitória!

Sem vitórias, não! Porque essas ele amealhara muitíssimas, que estavam coroando sua reputação. Por causa delas – das vitórias de um líder guerreiro e pacificador –, ele desfrutava de renome profissional, da admiração reverenciosa dos contemporâneos, do bem-querer respeitoso dos irmãos de armas, do enorme prestígio popular, da veneração da Pátria, agradecida ao seu herói estelar.

Eram oito e meia da noite de 7 de maio de 1880, uma sexta-feira de lua minguante, noite estrelada (quando estaria também brilhando a chamada “estrela de Caxias”). Ao fim de um dia de rápida decaída orgânica, depois de cumprir as obrigações católicas da sua fé robusta, morreu o Duque; morreu tranqüilo, merecedor das bênçãos do Deus dos Exércitos e da Santa da Paz.

Deixou esta vida suavemente, sem alarde, só com os valores da consciência e do caráter. Ele fora o Condestável do Império, que unira seu destino de soldado ao destino do Brasil durante mais de meio século e na perpetuidade histórica. Morto, até mais que vivo, ele iria renascer, para sempre, na fama imensa que justamente granjeou.

Por isso, estamos hoje aqui: para nos incorporarmos ao permanente revigoramento da memória do Patrono do Exército, prestando-lhe a vibrante homenagem das continências marciais e das saudações calorosas das nossas almas brasileiras.”

– Clarim: toque de alvorada!